

ENTREVISTA/ FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

“Brasil nunca chegará a essa situação”

Presidente pede aprovação rápida do Orçamento até o Ano Novo e diz que realidade brasileira é diferente da argentina

BRASÍLIA
– Antes de viajar a Montevideú, Uruguai, para a reunião do Mercosul,

o presidente Fernando Henrique Cardoso se solidarizou com a Argentina, reafirmou a importância do Mercosul e disse que o Brasil está sendo conduzido de uma maneira “segura, sem tropeços, mas, naturalmente, com resistências”. Segundo Fernando Henrique, não há possibilidade de o país se contaminar com a crise institucional argentina. “Não temos crise social, não temos crise política”, afirmou.

O presidente aproveitou a oportunidade e pediu rapidez

na votação do Orçamento de 2002, o que mostraria ao mundo que o país está no caminho certo e garantiria tranquilidade num momento de turbulências internacionais como o atual. “Faço um apelo ao Congresso: que acelere as decisões sobre o Orçamento”, disse.

Enquanto na Argentina o agora ex-presidente Fernando de la Rúa não conseguia apoio para seu Orçamento, Fernando Henrique insistiu que a situação aqui é diferente e pediu que o Congresso Nacional aprove o projeto até o Ano Novo.

“É preciso verificar que nós, aqui, estamos discutindo aumentos e redução de custos, redução da gasolina e aumentos de salário, enquanto que, em ou-

tros países, está se discutindo a redução de salários. Nas minhas mãos, o Brasil nunca chegará a uma situação desse tipo, de ter que discutir redução de salários”, comparou o presidente.

De acordo com Fernando Henrique, caso tenha que se esperar até fevereiro para a votação, haverá “uma perda para o povo, perda de investimentos”. Ele criticou alguns setores da oposição por estarem emperando o Orçamento.

Seguem trechos da entrevista coletiva concedida à imprensa, antes do embarque do presidente a Montevideú.

– Como o senhor vê a reação do mercado em relação à situação da Argentina?

– Tenho acompanhado, sem

muita atenção, porque tive um dia muito atribulado. O mercado tem reagido bem à situação da Argentina, o que é normal, porque o Brasil tem governo, tem um povo que está trabalhando, tem rumo. E acho que está reagindo muito bem o mercado.

– O senhor conversou com o presidente De La Rúa ontem à noite?

– Certamente, conversei com o presidente De la Rúa, que me disse que vai à reunião de Montevideú. Então, vou também à reunião de Montevideú. *(Na hora da entrevista, De la Rúa ainda não havia renunciado).*

– Que tipo de contaminação pode haver da crise argentina, institucionalmente, aqui no Brasil, onde se espera

uma eleição?

– Nenhuma, nenhuma. A situação do Brasil é totalmente diferente, institucionalmente. Não temos crise social, não temos crise política. Os Poderes se entendem. Vivemos em um clima de harmonia. Cada um define sua posição como quer, naturalmente, cada Poder. Ainda ontem, tive o prazer de receber a visita do presidente do Supremo Tribunal Federal. O Executivo mantém um relacionamento correto com o Judiciário. Com o Congresso, da mesma maneira. O Congresso toma suas deliberações. O Executivo procura absorver essas deliberações, mesmo quando contrariam – como é natural, ele tem que fazer isso mesmo – a pro-

posta inicial do Executivo, com responsabilidade. Nunca esqueço que meu dever maior é com o país e não com eleição, nem com agradar este ou aquele. É ver se há possibilidade de tomar decisões que permitam ao Brasil continuar em um caminho de correção, na parte econômica e na parte social. Então, não existe paralelo. A situação brasileira é tranquila. Não há dificuldade nessa matéria. O meu apelo não é um apelo com o temor de intranquilidade. É com a vontade de ver o Brasil, mais depressa, mostrar ao mundo que tem um caminho firme e sustentado pelo país.

– O senhor teme um golpe na Argentina?

– Não.